

A colecção de barros pedrados do Museu Nacional de Arqueologia: ensaio de contextualização no âmbito da olaria de Nisa

CLARA BERTRAND CABRAL*

RESUMO

O presente trabalho de investigação incide sobre doze objectos cerâmicos inéditos que apresentam a técnica decorativa do empedrado pertencentes à colecção etnográfica do Museu Nacional de Arqueologia. Pretende-se com este estudo catalogar as referidas peças, procedendo-se à sistematização das informações que puderam ser recolhidas acerca das mesmas, com base na observação directa, consulta bibliográfica, investigação no terreno e comparação com peças semelhantes que se encontram nos acervos dos Museu de Arte Popular, Museu Nacional de Etnologia e numa colecção particular. A partir do trabalho de campo realizado na localidade de Nisa (Alto-Alentejo), presumível local de fabrico dos objectos em estudo, procurou-se contextualizar os recipientes, atendendo aos aspectos relacionados com a sua técnica de fabrico, decoração, utilização e comercialização. Espera-se que este trabalho possa de alguma forma contribuir para colmatar algumas lacunas de informação de que padecem muitas peças pedradas que se encontram nos acervos dos museus, concorrendo para a sua correcta identificação e classificação. Tenta-se igualmente proporcionar aos arqueólogos uma perspectiva etnotecnológica sobre alguns aspectos relativos ao processo de fabrico da olaria pedrada nisense, essencial à correcta classificação e contextualização de eventuais achados arqueológicos.

Palavras-chave: cerâmica pedrada – Nisa – colecção etnográfica – etnotecnologia

* Mestranda em Ciências Antropológicas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas / Universidade Técnica de Lisboa; licenciada em Antropologia pelo mesmo Instituto.
Fotografias de António Cabral

ABSTRACT

This article presents the results of the study of twelve unique ceramic objects, displaying a decorative inlaid technique, currently in the Ethnographic Collection of the Museu Nacional de Arqueologia (Lisbon). The study catalogued these objects, systematising all the information obtained through direct observation, bibliographic consultation, fieldwork and by direct comparison with similar artefacts in the Museu de Arte Popular, the Museu Nacional de Etnologia and a private collection. Through fieldwork made at the locality of Nisa (Alto Alentejo), probably the place of provenance and manufacture of these vessels, attempts were made to contextualise the objects taking into account aspects related to the manufacturing technique, decoration, use and commercialisation. It is hoped that this study will somehow contribute to erase some information gaps concerning Inlaid Wares belonging to museum collections in Portugal, and promote their correct identification and cataloguing. We have also tried to give an ethno-technological perspective on some aspects of the Nisa Inlaid Ware manufacturing process, essential to the correct classification and contextualisation of archaeological findings of this nature.

Key-words: inlaid ware – Nisa (Portugal) – ethnographic collection – ethnotechnology

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de investigação que aqui apresentamos incide sobre peças de cerâmica inéditas que apresentam a técnica decorativa do empedrado, pertencentes à colecção etnográfica do Museu Nacional de Arqueologia¹.

Uma questão que dificulta o trabalho dos investigadores prende-se com a identificação de peças etnográficas que se encontram nos acervos dos museus. Muitas destas peças, testemunhos de um passado ainda recente e importantes para a compreensão dos aspectos sociais e culturais das comunidades que lhes deram forma, permanecem depositadas nas reservas com poucas ou nenhuma informação quanto à sua proveniência. A identificação, classificação e contextualização destes artefactos passa pelo seu estudo atendendo à morfologia, decoração e função.

A colecção de objectos cerâmicos empedrados do Museu Nacional de Arqueologia é constituída por doze² artefactos. Estas peças encontram-se pouco

¹ Também pudemos examinar as peças que se encontram no Museu de Arte Popular, Museu Nacional de Etnologia e algumas peças que recolhemos no decurso do trabalho de campo (adiante referidas como pertencentes a Colecção Particular), apesar de não termos efectuado o seu estudo por indisponibilidade de tempo. Para maior comodidade e fluidez de leitura, ao longo do texto utilizamos as seguintes siglas:

- M.N.A. – Museu Nacional de Arqueologia
- M.A.P. – Museu de Arte Popular
- M.N.E. – Museu Nacional de Etnologia

² Para o presente estudo, apenas foram consideradas as peças etnográficas (recolhidas no terreno), que datam, presumivelmente, de fins do séc. XIX e princípios do séc. XX. Excluíram-se os quatro objectos encontrados nas escavações arqueológicas do Convento de Santa Ana, em Lisboa, já estudados por Olinda Sardinha (1990-1992), e uma pia de cântaros do séc. XVI, proveniente de Montemor-o-Novo (Carneiro, 1989, p. 30), todos pertencentes também à colecção etnográfica do Museu Nacional de Arqueologia.

documentadas: quatro estão identificadas através de verbetes manuscritos com a letra de José Leite de Vasconcelos, falecido em 1941; duas pertenceram à colecção etnográfica de Virgílio Correia e são, pelo menos, datáveis de 1944, ano da sua morte; das restantes seis não foram encontradas quaisquer indicações quanto à data e local de fabrico e/ou aquisição.

Para proceder a uma análise comparativa, observaram-se as peças de cerâmica com a técnica decorativa do empedrado que se encontram no Museu Nacional de Etnologia e no Museu de Arte Popular, e consultaram-se as respectivas fichas de objecto quando existentes. Examinámos também algumas peças que recolhemos no terreno.

Das quatro colecções observadas, a do Museu Nacional de Etnologia é a que se encontra melhor documentada quanto à origem e aquisição das peças. Os treze objectos³ cerâmicos pedrados que a integram foram recolhidos em Nisa em dois momentos distintos, por dois colectores identificados – em 1964 pelo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira (peças com o N.º Inv. AQ) e em 1973 pelo Arq. Gustavo Marques (peças com o N.º Inv. AV). Esta colecção é constituída por quatro barris (dos quais um em forma de cabaça e dois em forma de porco), duas bicheiras, duas cantarinhas, um cântaro de torneira, uma jarra, um pote com testo e pucarinho, e dois pratos.

No Museu de Arte Popular, não foi possível proceder ao inventário geral das peças empedradas, já que o museu se encontra em obras e os objectos se encontram acondicionados em caixas. Das vinte e sete peças que foi possível observar, apenas mencionaremos as que consideramos relevantes para exemplificar as questões abordadas no presente estudo.

Foram ainda recolhidas no decurso do trabalho de campo em 2001 sete peças que, infelizmente, não possuem quaisquer informações.

A questão das origens e difusão da técnica decorativa do empedrado ainda não se encontra esclarecida (Carneiro 1989, p. 13; Sardinha, 1990-1992, p. 489-490). Em Portugal, a incrustação de pequenas pedras brancas nas peças em barro ainda por cozer apenas se pratica presentemente em Nisa e Estremoz, mas ainda há bem pouco tempo era também executada no Cacheiro, localidade que se situa a poucos quilómetros de Nisa. Em Espanha, ainda são fabricadas actualmente peças com a técnica decorativa do empedrado (enchinado) na localidade de Ceclavín, perto da fronteira com Portugal (Alba, 1991). Lapa

³ Algumas peças das colecções mencionadas são constituídas por mais do que um elemento, como é o caso dos potes e asados com testo e pucarinho, e das peças com tampa. Nestes casos, considerou-se que se trata de apenas uma peça, embora no M.A.P. os elementos tenham números de inventário individuais. Os elementos isolados foram considerados como peça.

Carneiro (1989, p. 8) afirma que «passando a Espanha, encontramos este género de decoração [empedrado] na Extremadura – Ceclavín, Torrejoncillo, Torre de Don Miguel e Mohedas de Granadilla – e em Leão – Tamames de la Sierra e Carbellino de Sayago (...) Dos trabalhos de que me sirvo, colhe-se que a produção de pedrados era, sem excepção, esporádica, o que em parte deve explicar a brevidade de notícias a seu respeito», acrescentando que «apenas em Ceclavín o empedrado – enchinado - "viene de bastante antiguo" e tem uma relativa nomeada». Miguel Alba (1992, p. 89), por sua vez, refere que alguns oleiros espanhóis mais idosos ainda se lembram de o empedrado ser também utilizado, pelo menos, nas olarias de Zarza la Mayor, Montehermoso, Plasencia, Arroyo de la Luz, Trujillo, Ahigal, Torrejoncillo e Mérida. Não é de estranhar que o fabrico de olaria pedrada exista e tenha coexistido em ambas as regiões do Alto Alentejo português e da Alta Extremadura espanhola. Como afirmou João de Pina Cabral (1991, p. 96), «Cada uma das grandes regiões de Portugal é mais semelhante, tanto do ponto de vista geográfico como sociocultural, à região espanhola que lhe é adjacente do que a outras regiões portuguesas».

Recuando no tempo, Eugénio Lapa Carneiro (1989, p. 7,15) refere a execução desta técnica decorativa em cerâmica nos finais do século XIX e inícios do século XX nas localidades de Barcelos, Miranda do Corvo e talvez Lisboa. Mas os diversos achados arqueológicos apontam para uma disseminação bastante alargada destes barros tão peculiares quer em Portugal continental⁴, quer em locais tão diversos como Europa, África e Ásia. Foram encontradas peças pedradas em escavações arqueológicas em Amsterdão e Antuérpia, e em algumas localidades espanholas como Valladolid (escavações do Mosteiro de San Benito), Zamora e Cadiz (Sardinha, 1990-1992, p. 509). Fora do continente europeu, e cingindo-nos apenas às encontradas nas províncias ultramarinas, foram descobertas peças deste tipo em Cabo Verde e em Macau (Sardinha, 1999, p. 191). Foram também encontradas quinze peças pedradas nas escavações subaquáticas do galeão espanhol «San Diego», em 1992 e 1993 (Sardinha, 1999).

⁴ «Refiro-me a uma pia de cântaros do Convento de S. Domingos, Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984, fig.8), uma pequena tampa, proveniente de um forno cerâmico na Mata da Machada, Barreiro (Torres, 1995, fig. 3; Carneiro, 1989, p. 2), uma escudela do Convento de Santa Clara, Moura (Rego e Macias, 1993, p. 155 n.º 18), um fundo de prato do Castelo de Moura (Macias, 1994, fig. 22), outra pequena tampa da Rua de S. Lourenço, Lisboa (Ferreira, 1995, p. 160, fig. 1), uma taça (Amaro, 1995, p. 43, cat. 93) e um fundo de vaso, também da Mata da Machada, Barreiro (Sardinha, no prelo)» (Sardinha 1990-1992, p. 509, nota 5).

⁵ Importa aqui referir a mesma funcionalidade dos barros pedrados de Ceclavín, Espanha (Sauceda e Ongil, 1985).

Numa perspectiva funcional, os barros pedrados são, na generalidade, recipientes intimamente ligados à água⁵. Todavia, alguns achados arqueológicos provenientes do Convento de Santa Ana em Lisboa (Sardinha, 1990-1992), e do galeão espanhol San Diego (Sardinha, 1999) sugerem que a incrustação de pequenos pedaços de quartzo ou outros materiais foi, noutras épocas, aplicada a peças com funcionalidade diferente⁶.

O presente trabalho de investigação foi realizado recorrendo a várias metodologias variada: observação e descrição sistemática dos objectos, comparação com peças idênticas melhor documentadas, consulta bibliográfica, e pesquisa no terreno para observar os processos e as técnicas de fabrico e de decoração, e para apurar as funcionalidades, contextos de utilização e rotas de comercialização. O trabalho de campo foi realizado em Nisa durante alguns dias, nos meses de Junho de 2000 e Abril de 2001, nas olarias Pequito e Louro, utilizando-se como método de trabalho, junto dos oleiros e pedradeiras, a observação directa e a entrevista semi-estruturada. Relativamente à localidade de Cacheiro, apenas foi possível entrevistar o oleiro, que já se encontra reformado.

De todos os métodos de investigação mencionados, o estudo etnotecnológico parece-nos fundamental para a correcta classificação e contextualização dos artefactos, já que o conhecimento dos aspectos relacionados com os processos e as técnicas de fabrico e decoração é essencial para a compreensão integral dos objectos etnográficos e arqueológicos. Como afirma Pierre Lemonnier (1992, p. 98) «The study of a living material culture provides a unique opportunity to investigate many aspects of technologies that lie behind archaeological remains». Miguel Alba (s.d., p. 80), por seu lado, afirma a respeito da cerâmica que «(...) en cuestiones relativas al proceso técnico en las construcciones que intervienen y en esos mismos recipientes [vasijas cerámicas], pueden encontrarse concordancias, similitudes o, inclusive, paralelismos calcados respecto a la alfarería de siglos pretéritos. Esos datos sirven de hilo conductor al análisis etnoarqueológico: un medio de aproximación basado en la observación en vivo de actividades presentes contrastada con el registro material arqueológico».

O presente trabalho de investigação pretende dar a conhecer o núcleo de peças cerâmicas com a técnica decorativa do empedrado que fazem parte da colecção etnográfica do Museu Nacional de Arqueologia, contextualizando-as no âmbito da olaria nisense.

⁶ Uma palmatória(?) do Convento de Santa Ana e uma lamparina encontrada no galeão espanhol «San Diego».

2. OS BARROS PEDRADOS DE NISA E CACHEIRO

Em Nisa existem ainda três oleiros em actividade, António Pequito, António Louro e António Piedade, fabricando peças de morfologia tradicional, como por exemplo potes, barris e asados.

Não se conhecem referências relativas ao fabrico de olaria nesta localidade anteriores aos finais do séc. XIX. Charles Lepierre menciona a existência de cinco olarias, afirmando que «na louça para água usa-se muito o *cascalho branco* (sílica) para embutir na superfície externa dos vasos, formando desenhos e ramagens curiosos e característicos, como tive ocasião de observar» (1912, p. 52). Solange Parvaux cita a presença de quatro olarias em 1905⁷ (1968, p. 25), não especificando o tipo de loiça que fabricavam. Virgílio Correia recorda, em 1912 (1937, p. 35), os «(...) potes de Nisa e Extremoz, cujas paredes se enchem de desenhos formados pela incrustação de pedacinhos de mármore branco (...)». Leite de Vasconcelos, por sua vez, apresenta a figura de uma peça empedrada no *Boletim de Etnografia* publicado em 1923 (1923, p. 52, Fig. 2) e Emanuel Ribeiro, por volta de 1925⁸, classifica Nisa como um centro de fabrico de loiça com ornamentos incrustados (s.d., p. 45). Por fim, Parvaux regista sete olarias à data do trabalho de campo em 1959-61⁹ (1968, p. 25).

A cerâmica pedrada também se fabricou no Cacheiro até há alguns anos quando o último oleiro, José Lopes, actualmente com 80 anos, se reformou. Charles Lepierre (1912, p. 52) refere a existência de olaria nesta localidade, afirmando que é fabricada «(...) louça comum, não vidrada, amarelada; serve principalmente para água». Emanuel Ribeiro menciona a localidade do Cacheiro na sua listagem dos principais centros de fabrico de loiça amarela e vermelha (s.d., p. 41). Por seu lado, Leite de Vasconcelos indica que no Cacheiro se fabrica «loiça igual à de Nisa» (1967, p. 247).

Parvaux (1968, p. 26) refere que, em 1959-61, o centro oleiro do Cacheiro já se encontrava extinto¹⁰; todavia, José Lopes afirmou ter sempre vivido e

⁷ Os oleiros eram: António Guerra, João Charrinho Correia, José da Graça Ferreira e José dos Remédios Ribeiro Figueiredo (Anuário Comercial 1905, 1872 citado por Parvaux 1968, p. 206).

⁸ Data proposta por Eugénio Lapa Carneiro para a obra não datada de Emanuel Ribeiro, *Água Fresca (Apontamentos sobre olaria nacional)*.

⁹ Apesar de Solange Parvaux (1968, p. 207) mencionar sete olarias, quando refere o nome dos oleiros em nota de fim de texto apenas surgem seis: António Semedo da Piedade; Joaquim Maria da Piedade; Joaquim Maria Sales; Joaquim Maria Temudo; Manuel Dinis Ramos; Manuel Maria Sales. O oleiro em falta poderá ser António Pequito, que montou a olaria em 1957 mas teve que cumprir serviço militar em Angola no início dos anos 60, regressando a Nisa em 1965.

¹⁰ «Le petit village de Caixeiro est situé à 10 km à l'ouest de Nisa (...). Aujourd'hui ce petit centre potier a disparu» (Parvaux 1968:26).

trabalhado nessa localidade, ainda que exercesse o ofício de oleiro sazonalmente. A memória de “Ti Zé Lopes” remonta a Manuel Correia (“Ti Manuel Louceiro”), oleiro no Cacheiro que, em sua opinião, ensinou “Zé dos Remédios”. Para Pequito, foi “Zé dos Remédios” que ensinou tanto o seu mestre, Joaquim Piedade, como o pai de José Lopes, e muitos outros oleiros de Nisa. Outro oleiro já reformado, Manuel Maria Sales¹¹, informou ser “Zé dos Remédios” um dos oleiros mais antigos, tratando-se talvez do oleiro José dos Remédios Ribeiro Figueiredo mencionado no Anuário Comercial de 1905.

2.1. Aspectos técnicos¹²

Actualmente, as três olarias de Nisa fabricam objectos com uma morfologia e decoração bastante idêntica. A técnica de fabrico das peças em barro que aqui descrevemos foi observada na oficina de António Pequito, oleiro que aparenta utilizar ainda uma tecnologia tradicional. O barro, extraído e distribuído aos oleiros pela Câmara Municipal de Nisa, é colocado num barreiro a “derregar” (demolhar, para que se desagregue e possa ser misturado) na proporção de duas partes de barro branco, proveniente da herdade de *Estibas*, propriedade da Santa Casa da Misericórdia para uma parte de barro preto, proveniente da Fonte Seca, da herdade de Maria Dias¹³. Charles Lepierre (1912, p. 52) analisou quimicamente a argila utilizada no concelho de Nisa nos finais do séc. XIX, preparada com dois tipos de barro, afirmando tratar-se de argila ferrugino-manganesica de cor castanho alaranjado. Margarida Ribeiro (1961, p. 4) também recolheu amostras dos dois tipos de argila, que foram analisadas nos Serviços Geológicos de Portugal. Segundo Parvaux (1968, p. 75), a argila branca contém uma quantidade apreciável de mica e de grãos de areia, que torna as peças com ela fabricadas muito resistentes ao choque. Todavia, esta argila é muito pouco plástica, tornando-se difícil de “puxar” na roda, pelo que se torna necessária a adição de argila preta, mais plástica.

Depois de derregado, o barro é bem misturado com a água, e passado para um segundo barreiro através de um crivo, onde ficam retidas as impurezas. Ao fim de uma semana, o barro juntou-se no fundo do barreiro e o oleiro ou a esposa vão cuidadosamente retirando o excesso de água que assoma à superfície. Em seguida, para retirar a restante água do barro e torná-lo apto a ser trabalhado na

¹¹ Entrevista cedida por Sardinha, que entrevistou o oleiro em 1995.

¹² Apenas serão focados os aspectos do processo técnico relevantes para a compreensão das questões que são abordadas no presente trabalho.

¹³ Informação de Pequito. Ribeiro (1961, p. 4) e Parvaux (1968, p. 25) referem a mesma proveniência.

roda, o oleiro deita o barro à parede de cimento que fica por cima dos barreiros. Quando o barro perde o excesso de humidade, cai nas tábuas que o oleiro, entretanto, colocou sobre os barreiros. Depois de amassado, o barro fica pronto a ser trabalhado.

Pequito utiliza ainda a roda de oleiro¹⁴ accionada com o pé¹⁵, mas os outros oleiros de Nisa já se renderam à comodidade da roda eléctrica. As peças são torneadas da forma descrita por Parvaux (1968, p. 94; p. 97-99); (fig. 1).

As peças sofrem uma primeira secagem que demora cerca de 12 horas antes de lhes serem colocadas as asas e os bicos. As asas não são fabricadas na roda; o oleiro molda-as com a *lamuge* – o barro mais fino e maleável que é obtido durante o fabrico da peça, e que o oleiro retira das mãos e dos instrumentos de trabalho, quando os limpa. O oleiro coloca o monte de lamuge na beira da *atoquina* (mesa de trabalho) e, molhando as mãos com a água do *barranbão* (recipiente com água colocado sobre a atoquina), começa a puxar o barro para si até obter uma tira em forma de uma asa. Em seguida, corta-a com os dedos e cola-a na peça com um pouco de lamuge, alisando os remates com a *cana* (instrumento de trabalho que já serviu para alisar as peças durante o fabrico na roda). Quando as peças possuem uma asa torcida, como é o caso de algumas bicheiras, garrações e cantarinhas, o oleiro molda duas tiras, cola as extremidades superiores, entranças-as, e só então cola as extremidades inferiores. As asas são as únicas partes das peças que não são fabricadas na roda de oleiro (fig. 2).

Os barros de Nisa adquirem a sua característica tonalidade vermelha através do tingimento da superfície externa com barro líquido desta cor. António Pequito informou-nos que o barro utilizado na preparação da “tinta” é proveniente da zona de Arronches no distrito de Portalegre. Lepierre (1912, p. 53) afirma que, no concelho de Arronches, se fabrica louça avermelhada, e que a argila desta localidade adquire uma cor tijolo escura depois de calcinada; Parvaux (1968, p. 22) descreve Arronches como um pequeno centro oleiro, e refere «la richesse de la région en excellent argiles...». Margarida Ribeiro (1961, p. 4), porém, afirma que o barro vermelho utilizado em Nisa para tingir as peças é proveniente dos contrafortes da Serra de S. Miguel, junto de Nisa-a-Velha. Não pudemos esclarecer

¹⁴ Para uma descrição da roda de oleiro consultar Parvaux (1968, p. 48).

¹⁵ Utiliza-se neste trabalho a designação *roda de oleiro*, por ser a denominação dada pelos oleiros de Nisa a este equipamento. Jorge Dias (1965, p. 11), no entanto, faz uma distinção entre «a “roda”, [que] na sua essência, consiste num disco girando sobre um elemento saliente que funciona como eixo», e que pode ser accionada com a mão ou com o pé, e o *torno*, accionado sempre com o pé, caracterizado pela «(...) possibilidade de o oleiro o fazer girar rapidamente (mais de 90 rotações por minuto) aproveitando a velocidade e, segundo Foster (1965, p. 5), a força centrífuga, para com as duas mãos livres poder modelar rapidamente um recipiente».

convenientemente esta questão, mas as peças observadas apresentam tingimento de tonalidades diferentes, o que sugere que o barro utilizado teve, ao longo dos tempos e consoante as oficinas, diferentes proveniências.

Para preparar a *tinta*, o oleiro dissolve o barro em água durante algumas horas e, em seguida, passa-o por uma peneira para lhe retirar as impurezas. A “tinta” é colocada num alguidar e as peças são imersas por partes: primeiro a asa, depois o bordo e o colo, e por fim o bojo e a base. Nas peças de maior porte, o oleiro cobre com “tinta” toda a superfície externa com o auxílio da *aplanata* (pedaço de feltro que utiliza em todas as ocasiões em que é necessário alisar as peças). Após uma breve secagem, as peças são alisadas segunda vez com a *aplanata* embebida em água limpa. Em seguida, as peças, são postas a secar durante algum tempo até ganharem consistência suficiente para serem pedradas.

O *cascalho*¹⁶ utilizado na decoração é obtido cozendo as grandes pedras de quartzo¹⁷ no forno para as tornar mais friáveis, e partindo-as depois o oleiro com o auxílio de uma pedra de calçada, o *paralelo*, em cima de uma laje do chão da oficina destinada a esse fim (fig.3). Em seguida, os fragmentos de quartzo assim obtidos são passados por três crivos, ficando divididos em três calibres: pedra de 1ª, com diâmetro de 1/2mm; pedra de 2ª, com diâmetro de 2/3mm; e pedra de 3ª, com diâmetro de 3/4mm.

A decoração das peças comporta três fases e deve ser executada quando a peça já iniciou o processo de secagem, para não ficar deformada com a manipulação e para que «a retracção da pasta, ao secar, seja a menor possível, a partir do momento em que as pedras – que não se retraem – são incrustadas» (Fagundes, 1997, p. 173). A pedradeira começa por riscar a peça com auxílio de uma agulha de coser, utilizando tampas ou casquilhos de lâmpadas para desenhar círculos, delineando assim o desenho que irá em seguida ser preenchido com os pequenos fragmentos de quartzo (fig.4).

Para pedrar a peça, a pedradeira escolhe uma pedrinha e aplica-a no risco, tendo o cuidado de colocar a parte mais ponteaguda no barro, ficando a face mais lisa virada para o exterior. Em seguida, empurra-a com a unha do polegar ou do dedo indicador, de forma que fique bem incrustada, e à face do barro.

¹⁶ Pequito, entrevistado por Sardinha em 1995, utilizava o termo *cascalho* para se referir aos fragmentos de quartzo utilizados na decoração das peças. Nas entrevistas de 2000 e 2001, todavia, este termo já se encontrava ausente do seu discurso, tendo sido substituído por *quartzo*.

¹⁷ Segundo os Serviços Geológicos de Portugal (Ribeiro, 1961, p. 5), a pedra branca utilizada nas incrustações dos barros pedrados de Nisa consiste em «rocha pneumatolítica. Quartzo leitoso, filoliano, intercalado nos xistos das Beiras».

Esta aplicação é realizada no colo da pedradeira, quando se trata de peças redondas, e sobre uma mesa, quando se trata de pratos. Quando se prevê que a operação seja demorada, as peças são embrulhadas em plástico para não secarem demasiado (fig. 5). Depois de completamente empedrada, frequentemente é delineado um segundo risco em redor dos motivos, e são delineados os desenhos incisos, recorrendo sempre à agulha de coser. Só então a peça se encontra pronta para a secagem final e posterior cozedura, quando se encontrar totalmente seca.

Em Nisa, o acto de empedrar é uma operação feminina. Em todas as olarias, a esposa do oleiro executa esta tarefa, auxiliada por pedradeiras que trabalham à peça, quer na própria oficina, quer em casa. A esposa do oleiro geralmente supervisiona o trabalho das pedradeiras, e é ela quem desenha os motivos decorativos que irão orientar a colocação dos fragmentos de quartzo. Riscar a peça é uma operação delicada, que irá em larga medida determinar a aparência e qualidade do produto final, pelo que o estatuto da mulher que efectua esta tarefa é mais elevado que o das outras pedradeiras, consideradas simples executantes. Quando a esposa do oleiro não pode riscar a peça, esta operação é realizada por uma pedradeira experiente.

Esta questão assumiu relevância especial no Cacheiro, onde a esposa do oleiro José Lopes, por motivos de saúde, não efectuava as operações relacionadas com a decoração. Desta forma, era o próprio oleiro quem realizava todas as fases do processo de fabrico, o que tornava o trabalho menos rentável.

“Ti Zé Lopes” informou-nos que utilizava a argila de cor avermelhada existente perto desta localidade, não deixando no entanto de salientar que «este barro é muito mais mau de trabalhar que o outro [utilizado em Nisa]». Quanto à decoração, as poucas peças deste oleiro que pudemos observar não eram tingidas. Pequito, no entanto, afirmou que tanto José Lopes como o pai, por vezes, tingiam a loiça. Os dois depósitos e o pote fabricados e decorados por José Lopes apresentam motivos decorativos ligeiramente diferentes dos actualmente executados em Nisa, quanto à configuração das flores e folhas, e à disposição das fiadas de quartzo em relação aos motivos vegetalistas (fig. 6). A correspondência entre estas duas localidades em termos de difusão de técnicas cerâmicas ainda se encontra por esclarecer.

Além do vasilhame pedrado, em Nisa fabricou-se, até pelo menos aos anos 60, um tipo de potes muito característicos, que apresentavam fragmentos de quartzo espalhados aleatoriamente pela superfície externa. Estes potes de roça (por vezes também denominados potes roçados), foram mencionados por Parvaux (1968, p. 25), que refere serem «la spécialité des potiers de Nisa», acrescentando

que esta técnica era já empregue em Montemor-o-Novo no séc. XVII¹⁸. Leite de Vasconcelos, ao descrever a loiça de Nisa, afirma que «em Nisa fazem-se vasos de barro, incrustados de pedacinhos de quartzo, e *alguns com desenhos*, e com uma asa enrançada» [itálico nosso] (1967, p. 254), o que poderá constituir referência à loiça pedrada tal como hoje a conhecemos, por oposição aos potes de roça. Luís Chaves (s.d., p. 217), por sua vez, refere que «nas peças do vasilhame de Nisa, o “empedrado” tem organização decorativa, bem planeada e executada. É, como se vê, *não a simples sementeira de pequenos seixos brancos, que ainda se encontra em peças do século passado*, mas a ordenada composição fitográfica, ilustrativa e característica» [itálico nosso]. Infelizmente, o autor não refere as fontes nem ilustra esse tipo de vasilhame do séc. XIX mas, em 1900, Rocha Peixoto (1995, p. 95) afirma que «os oleiros actuais das proximidades de Nisa introduzem na pasta fragmentos angulares de quartzo branco (...)» (fig. 7).

Convém, todavia, distinguir os potes de roça da técnica de fabrico com adição de quartzo ao barro. Efectivamente, a adição à argila, antes da moldagem, de sílica e areias silicosas (ricas em quartzo), argilas calcárias (margas) ou chamota (barro cozido triturado ou moído) tem, na generalidade dos casos, uma função desengordurante, pelo que se utiliza esta técnica quando o barro é demasiado plástico (Fagundes, 1997, p. 36). A adição de quartzo ao barro tornava também os vasilhames mais porosos, permitindo um arrefecimento da água mais acelerado, e aumentava a resistência dos mesmos ao choque (Carneiro, 1989, p. 12). Nestes casos, é possível observar o quartzo tanto na superfície externa como na interna do pote.

A técnica de fabrico dos potes de roça, por seu lado, foi descrita pelos vários oleiros: formava-se uma péla de barro que se fazia rolar por cima do pó de quartzo (este obtido quando se joeirava o quartzo depois de fragmentado) e, em seguida, trabalhava-se a péla na roda da forma habitual¹⁹, ficando o pó de quartzo espalhado pela superfície externa da peça, sendo invisível na superfície interna. Estes potes roçados – pois segundo nos informaram apenas se fabricavam potes – eram muito apreciados por refrescarem mais a água do que os potes lisos, e por serem mais baratos do que os potes pedrados. Parvaux (1968, p. 122) afirma que os «*potes roçados* ou *potes de roça* (...) ne sont jamais décorées et sont rarement surmontées

¹⁸ Cit. Nunes de Leão, Duarte, *Descrição de Portugal*, Lisboa, ed. Simão Thaddes Ferreira, 1610, in-16 Lisboa, 1785., p. 109, Parvaux (1968, p. 192-193; p. 218). Carneiro (1989, p. 10) refere a mesma citação: «Em 1599, Duarte Nunes exalta os púcaros de Montemor, “que sam feitos de barro mui cheiroso, & amassados com muitas pedrinhas, que parece que sam tantas as pedras como o barro: dos quaes quando querem usar, os roçam primeiro com huma pedra, & assi descobrem outras mais pedras, & fica novo o barro».

¹⁹ Ver Parvaux (1968:90-91) para descrição da forma de tornejar um pote.

de petit pot», o que nos foi confirmado pelos oleiros, tendo acrescentado que estes potes nunca eram tingidos. Alguns informantes em Nisa referiram o hábito de lavar os potes. Manuel Maria Sales (entrevistado por Sardinha em 1995) informou que as mulheres costumavam esfregar os potes de roça com areia molhada quando iam buscar água ao chafariz e «ficava aquela pedrinha toda a brilhar do lado de fora».

2.2. Comercialização

Luis Chaves (s.d., p. 211) lista o tipo de loiça para transporte de líquidos em viagem: o cantil, o moringue, a cabaça, o barril, a almotolia, a garrafa e o garrafão. Efectivamente, além do uso doméstico, algumas bilhas eram fabricadas para serem comercializadas nas estações ferroviárias, repletas de água, principalmente em épocas estivais. Um dos recipientes mais vendidos era o barril, talvez pela comodidade de transporte, já que não se entornava facilmente. Vendiam-se os tamanhos entre 25cm e 35cm (ver fig. 11). É exemplo deste tipo de comércio nas estações ferroviárias da linha da Beira Baixa um barril com a inscrição RECORDAÇÃO DE SARNADAS FABRICO DE NISA (fig.8). Confrontado com a fotografia desta peça, Pequito afirmou ter certamente sido fabricada na olaria do seu mestre, Joaquim Piedade, que costumava ir vender a esta estação ferroviária; este oleiro também comercializava a sua loiça em Abrantes, Amieira do Tejo, Castelo Branco, Ortiga, Vila Velha de Rodão. Efectivamente, cada oleiro tinha os seus locais habituais de venda.

Vários informantes afirmaram ser vulgar ver os barris já vazios a boiar no rio Tejo, pois eram vendidos baratos e havia pessoas que os deitavam fora; estes recipientes não possuíam qualquer decoração ou eram, como nos informaram, geralmente pedrados com pedra de 3.^a, e com desenhos pouco elaborados. Os barris pedrados, como o apresentado, eram comprados para recordação, devido ao seu preço mais elevado.

Parvaux (1968, p. 173) afirma que a comercialização dos barros de Nisa se processava quase exclusivamente em Nisa e Portalegre, «(...) où elles sont considérées par les paysans comme des objets de luxe à cause de leur prix un peu plus élevé que celui des poteries plus ordinaires de Flor da Rosa et de Portalegre». Pequito, por sua vez, indicou que os potes de roça se vendiam muito bem no distrito da Guarda e de Castelo Branco, referindo especificamente as povoações de Castelo Branco e Covilhã, e a estação do Fratel.

Quanto ao vasilhame fabricado no Cacheiro, José Lopes referiu várias localidades do concelho de Nisa onde costumava ir vender os seus barros, lisos, pedrados e roçados: Arez, Arneiro, Falagueira, Monte Claro, Pardo, Salavessa, Tolosa.

Mencionou ainda que ia levar loiça a duas lojas em Cebolais de Cima, no concelho de Castelo Branco. Nas suas deslocações, utilizava uma carroça puxada por um macho. Referiu, também, que um amigo de S. Pedro do Corval ia todos os anos ao Cacheiro buscar uma carrada de loiça, cerca de 300 a 350 peças, não especificando onde iriam ser comercializadas. Recordava-se, ainda, de trocar recipientes em barro por géneros alimentares – batatas, farinheiras, etc.

Actualmente, os oleiros vendem as suas peças em Nisa, nas olarias e lojas, mas trabalham principalmente por encomenda (fig.9).

2.3. Morfologia e motivos decorativos

Em Portugal, as denominações da cerâmica são pouco uniformes pois, a par da morfologia extremamente variada, objectos semelhantes podem apresentar designações diferentes consoante as regiões. Como afirmou Ramalho Ortigão (1943, p. 149), «a simples nomenclatura do vasilhame português dá, de per si, uma ideia, ainda que bem incompleta, da multiplicidade de formas, porque há tipos que variam de região em região, de 10 em 10 léguas de perímetro». Leite de Vasconcelos (cit. por Chaves s.d., p. 226) também constatou que «é enorme não só a quantidade de formas de vasilhame que há entre nós, mas a nomenclatura; e esta varia de região para região». O conhecido *moringue*, por exemplo, em Nisa toma o nome de *barril*.

Em Nisa, os oleiros utilizam o termo genérico *bilba* para se referirem ao vasilhame destinado ao transporte e/ou aprovisionamento da água. Da mesma forma, Lepierre (1912, p. 30) afirma que «nas louças *não vidradas* podem distinguir-se os *hidrocerames* ou *vasos para água fresca* que carecem duma pasta porosa» e, em nota de rodapé, especifica que «esta palavra *hidrocerame* ou *bilba* em português (do latim *bula*), foi criada em 1809 por Fourmy (...). Aplica-se a todas as louças de pasta permeável que têm a faculdade de abaixar a temperatura da água dalguns graus abaixo da do local onde se encontra, comunicando-lhe além disso algumas vezes um gosto argiloso, que em geral não desagrada».

Apesar de as peças actualmente fabricadas se destinarem, na sua grande maioria, a fins meramente decorativos, não é possível afirmar sem reservas que os barros mais antigos cumpriam apenas funções utilitárias. Efectivamente, se tal fosse o caso, qualquer recipiente de cerâmica vermelha fosca serviria o fim a que se destinava, independentemente da decoração. Os dados disponíveis apontam, relativamente às peças fabricadas antes da vulgarização dos recipientes em plástico para transporte da água e da introdução de água corrente nas casas, para uma dupla funcionalidade dos barros pedrados, utilitária e decorativa, aliada ao estatuto social do seu possuidor.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1957, p. 25) refere um dos diálogos de Francisco de Moraes, autor do séc. XVI falecido presumivelmente em 1572, no qual uma mulher do povo, regateira na Ribeira de Lisboa, «(...) louva a sua a *cantareira*, vão de parede sem porta, em que era costume resguardar as indispensáveis vasilhas, a saber: uma talha grande, bojuda, para depósito de água; outra menor, para ser levada à fonte, acompanhada em geral do púcaro, preso na asa com um cordel; e, além disso, algum exemplar solto para regalo das visitas, emborcado sobre um pratel». Efectivamente, até à instalação de água corrente nas casas, existia geralmente na cozinha um poial para os cântaros, onde eram colocadas as vasilhas para transportar e armazenar a água.

Em Nisa, uma tradição que tem vindo a desaparecer é a de a noiva levar, como parte do enxoval, três bilhas pedradas que se chamava a *cantareira*. Embora a cantareira fosse normalmente constituída por três peças, não pudemos obter informações concordantes quanto à sua morfologia: uns afirmaram que era constituída por um pote no meio e um cântaro de cada lado; outros, por dois ou três cântaros e uma cantarinha, e outros ainda por uma bilha, um cântaro com asas (asado) e outro sem asas. No entanto, nem todas as noivas se podiam dar ao luxo de ter recipientes pedrados como parte do enxoval. As mais pobres tinham de se contentar com peças lisas e potes de roça, bastante menos onerosos que os pedrados.

Parvaux (1968, p. 124) afirma, relativamente aos cântaros de torneira, que «ces jarres sont toujours décorées car elles ornent les pièces où elles se trouvent». O cântaro com torneira que recolhemos, com a inscrição ATILIA P. CARREIRAS ALGÉS NISA (fig.10) poderá ter esta origem. Será que a D. Atilia P. Carreiras, natural de Algés, casou em Nisa e levou este cântaro na cantareira de noivado?²⁰

Ainda que alguns recipientes pareçam ter deixado de ser fabricados, a morfologia dos barros nisenses permanece bastante variada e foram introduzidas algumas peças novas, que testemunham a preocupação dos oleiros em satisfazer a procura actual. É o caso dos pratos com funções decorativas, dos jarrões, dos cinzeiros, de certas miniaturas e de algumas peças executadas por encomenda. As miniaturas são fabricadas para venda como recordação pouco dispendiosa; os motivos decorativos são semelhantes aos das peças de maior porte, mas adaptados ao tamanho da peça. Observámos na olaria Pequito um lote de pequenos cestinhos, fabricados por encomenda, que se destinavam a serem oferecidos pelos noivos aos convidados do seu casamento. Conjugam-se aqui, de forma singular, o hábito

²⁰ Um cântaro de torneira da colecção do Museu de Arte Popular apresenta a inscrição a. de A. M. DE S. MAJOR MÉDICO.

de oferecer presentes aos convidados da boda com a tradição da presença dos barros pedrados no enxoval da noiva. Na olaria Louro pudemos também observar pratos com inscrições específicas, fabricados por encomenda.

Entre as peças que actualmente se fabricam, encontrámos as seguintes no decurso do trabalho de campo: barril em forma de peixe; barril; bicheira; cantarinha; cântaro de torneira; cantil (também denominado barril espanhol); caspom²¹; garrafão; garrafas de dois formatos, com tampa ou com copo; jarras de várias formas e jarrões²²; pote e asado, com testo e pucarinho ou com tampa; pratos (fig.11).

Além destes recipientes, encontrámos nos acervos dos museus algumas peças que não observámos em Nisa, mas que se encontram referenciadas na bibliografia que consultámos: dois pratos pequenos para colocar sob as cantarinhas e garrafas [col. M.A.P., N.º Inv. CER 2993/83 e CER 2994/83] (Parvaux, 1968, p. 133); dois copos [col. M.A.P., N.º Inv. CER 2995/83 e CER 2996/83] (Parvaux, 1968, p. 132); duas cafeteiras com tampa [col. M.A.P., N.º Inv. CER 3011/83-CER 3012/83 e CER 3013/83-CER 3014/83] (Parvaux, 1968, p. 133); barris com formas variadas como os porcos [col. M.N.E., N.º Inv. AQ-381 e AV-913] (Ribeiro, 1961, p. 15; Parvaux, 1968, p. 129). Margarida Ribeiro (1961, p. 14 e 18) afirma que «em Nisa, o moringue aparece ainda estilizado em forma de peixe, de porco e de galo», explicando adiante que «estas formas não me parecem, contudo, apócrifas (...). Algumas pessoas antigas informaram-me que deixaram de ser produzidas pela procura de formas utilitárias, então em moda e de maior rendimento económico (...)». Todavia, Solange Parvaux (1968, p. 141) declara que «de nos jours, les potiers alentejans ne créent pas de formes nouvelles, sauf quelques potiers d'Estremoz et de Nisa, mais les formes qu'ils inventent ne sont pas toujours aussi heureuses que les formes moins simples, surtout lorsqu'elles s'inspirent des corps humains ou animaux (...)». Encontrámos também um pequeno barril em forma de cabaça [col. M.N.E. N.º Inv. AQ-382] cuja morfologia é referenciada por Parvaux relativamente aos moringues fabricados em Estremoz (1968, p. 129).

Não descobrimos referências bibliográficas específicas para algumas peças da colecção do Museu Nacional de Arqueologia. A peça N.º Inv. 3422 [CAT 9], que aparece com a designação de *bilbinha* no verbete manuscrito, aparenta ser

²¹ Caspom (pl. *caspões*): A origem desta nomenclatura poderá estar relacionada com o termo francês *cachepot* que designa o vaso de porcelana, dentro do qual se colocam os vasos ordinários de flores, para ornamentação dos aposentos. Parvaux (1968, p. 137) refere um «cachepô para flores» nas peças de cerâmica vidradas e apresenta a figura correspondente, mas não encontrámos qualquer outra informação sobre esta peça no seu texto.

²² Os jarrões apenas são fabricados na olaria de António Piedade.

uma miniatura de barril de carro (Parvaux, 1968, p. 128; Ribeiro, 1961, p. 11-12). As *jarrinhas*²³ com os N.º Inv. 3455 e 3457 [CAT 10], e a peça N.º Inv. 3427 [CAT 8] designada por *bilha* possuem uma morfologia não referenciada na bibliografia.

Quanto à decoração, das três colecções dos museus apenas algumas peças do Museu Nacional de Arqueologia suscitam dúvidas quanto à sua origem nicense. No Museu de Arte Popular, todavia, pelo menos duas peças [N.º Inv. CER 918/83 e CER 563/83] ostentam alguns motivos decorativos que não encontramos nos objectos fabricados actualmente, ainda que os restantes motivos e a gramática decorativa sejam característicos desta localidade. Todos os recipientes fabricados presentemente em Nisa apresentam motivos decorativos semelhantes, sem grandes variações de oficina para oficina, motivos que se repetem igualmente na grande maioria das peças das três colecções referidas.

Importa referir, no entanto, que a decoração barroca²⁴ (muito profusa), com quartzo de menor calibre (pedra de 1.^a), parece apenas ter surgido nos anos 60, no seguimento do trabalho de investigação sobre cerâmica empedrada efectuado por Margarida Ribeiro em Nisa. Os oleiros (António Pequito e António Louro) e as pedradeiras (Joaquina Pequito, Maria da Graça Louro e outras três pedradeiras) entrevistados foram unânimes em afirmar que anteriormente a esta data não se utilizava a pedra de 1.^a, de menor calibre. Margarida Ribeiro (1961, p. 8) refere que «os fragmentos são joeirados para *apuramento*, seleccionando-se dois tamanhos, empregados na ornamentação». Parvaux (1968, p. 88) não especifica o calibre dos fragmentos de quartzo utilizados na decoração, afirmando apenas que, após serem partidos, «les débris obtenus sont passés au tamis pour être calibrés».

Os oleiros recordam-se bem de Margarida Ribeiro e do impulso que deu à cerâmica pedrada que, na altura, se encontrava em recessão, facto também constatado por Parvaux (1968, p. 187). Efectivamente, com raras excepções (o pote N.º Inv. 3471 [CAT 4] do M.N.A., cuja origem se desconhece), as peças recolhidas anteriormente a esse período apresentam uma decoração simples e com

²³ A morfologia destas peças faz lembrar os copos de Estremoz observados por Parvaux, (1968, p. 132) embora a autora afirme que «les verres (copos) qui accompagnent les carafes d'Estremoz (cantarinhas) ou les pichets de Nisa (cantarinhas) n'ont pas de pied».

²⁴ Na tentativa de sistematizar a terminologia referente à profusão de motivos decorativos dos barros pedrados, utilizaram-se os seguintes termos: *decoração simples*, quando a peça apresenta motivos decorativos ligados por fiadas de quartzo, com poucos motivos isolados (CAT 1, 2, 3, ...) – quartzo de calibre igual ou superior a 2/3mm; *decoração profusa*, quando a par dos motivos decorativos ligados por fiadas de quartzo a peça apresenta muitos motivos isolados, geralmente “três pedrinhas” e “aranhas” (Ribeiro, 1961, p. 23) (fig. 9) – quartzo de calibre igual ou superior a 2/3mm; *decoração barroca*, quando a peça apresenta uma grande quantidade de motivos decorativos, quer ligados por fiadas de quartzo, quer isolados (fig. 12) – quartzo de calibre igual a 1/2mm.

quartzo de calibre igual ou superior a 2/3mm, ou de calibre misto (como por exemplo o pucarinho N.º Inv. 3426 [CAT 7] do M.N.A). Na colecção do Museu Nacional de Etnologia, a decoração barroca apenas aparece em algumas peças recolhidas em 1973 [N.º Inv. AV-913; AV-914, AV-947], ostentando as peças de 1964 uma decoração empedrada com quartzo de calibre superior e menos profusa. No Museu de Arte Popular observámos também dois potes com este tipo de decoração barroca [N.º Inv. CER 20/96 e CER 4994/02] (fig.12).

Nos barros empedrados de Nisa, o quartzo é, de uma maneira geral, incrustado em toda a superfície externa do objecto, incluindo a asa, quando a possui. Se a peça é composta por mais do que um elemento, estes costumam apresentar também motivos empedrados e incisos. Quando as peças exibem inscrições, estas são geralmente executadas com quartzo de calibre menor que o utilizado na restante decoração.

A decoração do bojo da peça é, na grande maioria das vezes, simétrica: a partir de um desenho central, os motivos espalham-se lateralmente pela superfície externa, ficando frequentemente unidos por fiadas simples ou duplas de quartzo²⁵, que por vezes terminam em espiral. Outros motivos decorativos podem aparecer isoladamente, sendo os mais frequentes as “aranhas”, as “três pedrinhas” e as “espigas”. Quando a peça apenas possui uma asa, o motivo decorativo central apresenta-se na face oposta a esta; quando tem duas asas ou dois bicos, a decoração é geralmente idêntica de ambos os lados, apenas se podendo distinguir uma face principal quando a peça apresenta inscrições, ou no caso dos cântaros de torneira.

Margarida Ribeiro (1961, p. 21) dividiu os motivos decorativos em três tipos: zoomórficos (“cobra” e “aranha”), vegetais (“floral” e “frutos”) e mágicos (o “número 3” e algumas representações vegetalistas). De todos estes, e independentemente do significado simbólico subjacente que a autora lhes atribui, surgem com maior destaque os motivos vegetais, sob a forma de flores, folhas e frutos. Entre as flores, contam-se as representações estilizadas da rosa, do malmequer, da campinha, do cravo e do girassol. Na representação de frutos aparece o cacho de uvas, a bolota e a espiga de trigo. Ribeiro (1961, p. 25-27) refere um único símbolo astral, a estrela de seis raios, estilizada em forma de flor, afirmando que este motivo tem ampla representação na arte alentejana, patente nas cornas, nas formas de bolos e nos trabalhos artísticos de madeira e de cortiça.

A par dos motivos incrustados, surgem motivos incisos, como é o caso da espiga, ou dos reticulados que preenchem o centro ou as pétalas de algumas

²⁵ Encontrámos uma cantarinha na colecção do Museu de Arte Popular que apresenta uma decoração com fiada tripla de fragmentos de quartzo [N.º Inv. CER 3001/83].

flores. Também as “aranhas” são formadas por conjuntos de três pedrinhas dispostas em triângulo sendo as patas representadas por incisões no barro.

Quando a peça apresenta colo com moldura, como por exemplo os asados, as cantarinhas e os cântaros de torneira, este ostenta, geralmente, uma decoração distinta da executada no bojo da peça. Esta decoração é frequentemente composta por motivos geométricos, incrustados e incisos, que se repetem [M.N. A. N.º Inv. 7054; 5544 – M.A.P. N.º Inv. CER 3020/83; 3017/83], ou por fiadas de fragmentos de quartzo [M.A.P. N.º Inv. CER 3001/83]. Nos cântaros de torneira, esta decoração pode ser composta por motivos vegetalistas [M.A.P. N.º Inv. CER 1743/84; CER 4993/02].

As asas das peças apresentam geralmente fiadas de quartzo rectas (fig. 8), quebradas [M.N.A. N.º Inv. 5544] ou curvilíneas [M.N.A. N.º Inv. 7052]; grupos de pedrinhas dispostos em diagonal [M.A.P. N.º Inv. CER 918/83]; ou “três pedrinhas” ligados entre si por dois riscos semiparalelos [M.N.A. N.º Inv. 7051]. Em algumas asas, por vezes, surgem círculos empedrados, com reticulado e pedrinha no centro [M.A.P. N.º Inv. CER 917/83; CER 3013/83]. As asas dos cântaros de torneira, por serem largas (cerca de 6 cm), podem apresentar motivos mais elaborados, incluindo os florais [M.A.P. N.º Inv. CER 4993/02] ou ramagens [M.A.P. N.º Inv. CER 4996/02]. As asas dos pucarinhos raramente são decoradas.

Os bicos dos barris são quase sempre decorados com “três pedrinhas” ou pedras isoladas ligadas entre si por dois riscos incisos semiparalelos [M.N. A. N.º Inv. 7052 – M.A.P. N.º Inv. CER 917/83].

Os testos apresentam geralmente uma decoração circular que acompanha a cavidade onde fica encaixado o pucarinho. Normalmente apresentam motivos vegetais que se repetem [M.A.P. N.º Inv. CER 1747/84; CER 3006/83] e/ou motivos geométricos [M.N.A. N.º Inv. 7054; 5544].

Nos pucarinhos, aplica-se o que já dissemos para as peças de maior porte, ainda que a decoração tenha de ser adaptada ao menor tamanho da peça²⁶.

As tampas têm formas diferentes, consoante o tipo de peça a que pertencem. Os cântaros de torneira e as cantarinhas podem possuir tampa de forma cónica, decorada com motivos geométricos ou vegetais [M.A.P. N.º Inv. CER 4993/02; CER 3008/83] (Parvaux, 1968, p. 124). Os asados podem ser encimados quer por testo e pucarinho, quer por tampa circular com botão para prensão. Este tipo de tampas também surge com as cantarinhas, barris redondos, garrações, garrafas e pucarinhos. As bicheiras e as cafeteiras²⁷ são peças que possuem bordo

²⁶ O calibre dos fragmentos de quartzo mantém-se, mas os motivos decorativos simplificam-se.

²⁷ Segundo Parvaux (1968, p. 134) «Ces cafetières qui imitent la forme des cafetières en métal ou en émail, sont parfois appelées *jarras* à Nisa».

com bica²⁸; nestes recipientes, a tampa geralmente acompanha a forma da bica [M.A.P. N.º Inv. CER 3012/83; CER 3014/83]. As tampas com botão de pressão são normalmente decoradas com motivos geométricos, adaptados ao seu tamanho e formato.

Quanto aos pratos, os fabricados actualmente para fins decorativos apresentam motivos incrustados tanto no fundo como no bordo; todavia, os dois pratos que observámos no Museu de Arte Popular [N.º Inv. CER 2993/83; CER 2994/83], utilizados para colocar sob as cantarinhas e garrafas (Parvaux, 1968, p. 132), apresentam decoração incisa no fundo e incrustada no bordo²⁹.

Os dois copos observados apresentam bojo cilíndrico e são decorados com motivos vegetalistas [M.A.P. N.º Inv. CER 2995/83; CER 2996/83] (Parvaux, 1968, p. 132). Os oleiros actuais fabricam-nos para servir de tampa às garrafas de bojo globular, também mencionadas por Ribeiro (1961, p. 18; fig. 16).

Quanto à cor de uma maneira geral, e com raras excepções, as peças que apresentam morfologias, motivos decorativos ou calibres de quartzo diferentes dos utilizados actualmente em Nisa foram tingidas com um engobo mais claro do que o utilizado hoje em dia, ou das peças que apresentam motivos decorativos considerados típicos desta localidade. Incluem-se neste grupo uma bicheira com tampa [N.º Inv. AQ-377] e um pequeno barril em forma de cabaça [N.º Inv. AQ-382] da colecção do Museu Nacional de Etnologia, e uma cantarinha [N.º Inv. CER 918/83] e um pote pequeno [N.º Inv. CER 563/83] da colecção do Museu de Arte Popular. É também o caso do pequeno barril [CAT 9] da colecção do Museu Nacional de Arqueologia.

3. CONCLUSÃO

A colecção de objectos cerâmicos empedrados que aqui apresentamos, constitui um conjunto bastante heterogéneo quer se considere a morfologia, quer relativamente à decoração. A inexistência de informações precisas quanto à origem e data de fabrico das peças em estudo levanta bastantes dúvidas que só em parte ficam esclarecidas. Por outro lado, a confrontação destas peças com as que são actualmente fabricadas nem sempre é possível, pois algumas formas e motivos decorativos parecem ter caído em desuso, e já não são executados.

²⁸ Termo utilizado pelos informantes nisenses: o barril tem *bicos*; a bicheira e outros recipientes afins têm *bicas* para verter a água.

²⁹ Parvaux (1968, p. 133) apresenta as figuras de três pratos com este tipo de decoração.

A comparação destes objectos com peças semelhantes que integram o acervo do Museu Nacional de Etnologia, com as que se observaram no decurso do trabalho de campo em Nisa, e com a bibliografia consultada, permite atribuir uma origem nicense, sem grande margem de dúvida, às peças CAT 1, 2 (parcial), 3, 5, e 6. O garrafão CAT 6 foi certamente fabricado para venda na estação do Fratel, como sugere a inscrição.

Apesar de todos os elementos do conjunto CAT 2 possuírem o mesmo número de inventário, persistem algumas interrogações. O asado possui todas as características da cerâmica pedrada nicense; todavia, o testão e o pucarinho aparentam estar relacionados entre si, mas destoam do asado quer quanto à cor do engobo, que no asado é perceptivelmente mais escura, quer relativamente decoração. A cor da pasta utilizada no fabrico do testão e do pucarinho é idêntica, mas o asado foi fabricado com uma pasta de cor diferente. A tonalidade do engobo é diferente em todos os elementos. Por outro lado, se a exiguidade da decoração apresentada pelo testão não permite tirar conclusões apreciáveis, a decoração do pucarinho apresenta-se bastante mais incipiente que a do asado.

O pucarinho CAT 7, que se encontra isolado, apresenta uma gramática decorativa típica de Nisa, mas ostenta uma decoração rudimentar, que conjuga motivos decorativos que encontramos em Nisa com bastante frequência (três dedais e reticulado), com folhas bastante invulgares. O segundo risco encontra-se ausente.

O pote com testão e pucarinho CAT 4 é uma das peças mais enigmáticas de toda a colecção. O verbete manuscrito parece atribuir-lhe uma origem ou aquisição em Alcácer do Sal, mas infelizmente as notas e apontamentos de Leite de Vasconcelos não fornecem mais informações quanto à recolha desta peça³⁰, pelo que não é possível esclarecer esta questão. Relativamente à decoração, verifica-se a ausência de engobo. A gramática decorativa difere da que é geralmente executada em Nisa, na medida em que aqui não existe um motivo central no pote, mas sim um eixo central em cada lado da peça, a partir do qual partem simetricamente as ramagens. Estas são compostas exclusivamente por fiadas de quartzo simples decoradas com folhas, aparecendo junto à base algumas fiadas duplas e “três pedrinhas”. O testão é decorado com fiadas verticais isoladas. O pucarinho é também decorado com ramagens e folhas, à semelhança do pote. O segundo risco encontra-se ausente em todos os elementos. O calibre do quartzo utilizado na decoração é menor do que o exibido nas peças conhecidas fabricadas na primeira metade do séc. XX.

³⁰ Informação de Sardenha, que no âmbito de consultas bibliográficas da obra leitiana aprofundou esta questão.

A bilha CAT 8 também suscita bastantes dúvidas quanto à proveniência. O pequeno pedaço de papel encontrado no seu interior sugere que a peça foi fabricada em Estremoz e comprada em Évora, mas algumas palavras são ilegíveis. A morfologia deste recipiente difere da que usualmente é executada em Nisa: colo em ressalto, asa com caneluras. Embora a gramática decorativa siga as regras nisenses, alguns motivos decorativos são bastante invulgares: coração de grandes dimensões seccionado verticalmente a meio, folhas com formato pouco usual, conjunto de cinco pedrinhas em cruz. O colo, no entanto, apresenta um motivo frequentemente utilizado em Nisa. Não apresenta segundo risco.

O pequeno barril CAT 9 poderá ser uma miniatura, um brinquedo ou uma peça com funcionalidade desconhecida. A atribuição do seu fabrico a Nisa é questionável, já que a morfologia não se encontra directamente referenciada na bibliografia que consultámos e não encontramos qualquer peça semelhante. Quanto à decoração, o motivo floral central é invulgar, tanto na configuração como no preenchimento com reticulado inciso, bastante largo. O colo apresenta conjuntos de três pedrinhas em linha recta³¹. O engobo apresenta uma cor mais clara que o habitual.

As duas jarras CAT 10 parecem ter sido fabricadas em Nisa, se atendermos aos motivos vegetais e incisos que apresentam, muito característicos dos recipientes fabricados nesta localidade. Apenas os conjuntos de quatro pedrinhas são invulgares, não tendo sido encontrados nas outras peças observadas. A morfologia é muito invulgar, podendo tratar-se, talvez, de peças fabricadas por encomenda.

Por fim, a tampa CAT 11 é provavelmente nisense, podendo ter pertencido, atendendo às suas dimensões, a um barril redondo, a um garrafão ou a um pucarinho. A cor da pasta e do engobo é idêntica à do pucarinho CAT 6, pelo que poderá pertencer a esta peça.

Apesar dos trabalhos de investigação que têm vindo a ser realizados sobre peças de olaria que apresentam a técnica decorativa do empedrado proporcionarem um conhecimento cada vez mais aprofundado acerca desta loiça tão típica quanto original, muitas questões carecem ainda de resposta, que só o estudo comparativo das peças conhecidas, completados com pesquisa no terreno, podem elucidar. No caso dos barros de Nisa, escavações arqueológicas nas antigas olarias desta localidade poderiam, certamente, lançar uma nova luz sobre os muitos aspectos que permanecem por esclarecer.

Cascais, Junho de 2002

³¹ Uma pequena cantarinha do Museu de Arte Popular [N.º Inv. CER 918/83] apresenta um motivo semelhante na asa, composto por fiadas de seis a oito fragmentos de quartzo dispostos em diagonal.

4. CATÁLOGO

No Catálogo utilizámos as seguintes normas:

- DESIGNAÇÃO: Seguiu-se a terminologia dos informantes em Nisa.
- COR: Conforme *Munsell Soil Charts 1975 Edition*. Distinguiram-se a *pasta* (barro a partir do qual a peça é fabricada, e que é frequentemente visível na base do objecto ou em falhas do tingimento) e o *engobo* (barro que é aplicado na superfície externa da peça com fins decorativos).
- LOCAL DE FABRICO: *Nisa* – quando a morfologia e os motivos decorativos da peça foram observados em Nisa no decurso do trabalho de campo; *Nisa(?)* – quando a morfologia e/ou os motivos decorativos não foram observados em Nisa mas a peça possui as características observadas nos recipientes desta localidade; *desconhecido* – quando a morfologia e/ou os motivos decorativos são bastante diferentes dos que geralmente se atribuem à olaria nisense.
- MOTIVOS DECORATIVOS: Seguiu-se a terminologia dos informantes em Nisa.
- FUNÇÃO: Além das funções propostas, as peças podiam também, eventualmente, servir para decoração.
- ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Apenas é mencionado quando se justifique.

CAT. 1. (Fig.13)

DESIGNAÇÃO: Asado com testo e pucarinho.

DIMENSÕES: alt. 31cm. **Asado**: alt. 24cm; Ø da boca 10,5cm; larg. 19cm; Ø da base 9cm. **Testo**: Ø 10cm. **Pucarinho**: alt. 8,5cm; Ø da boca 4cm; larg. 6,5cm; Ø da base 2,5cm.

COR: **Engobo** - **Asado**: 10R 4/6 vermelho. **Testo**: 2,5YR 4/4 castanho avermelhado. **Pucarinho**: 2,5YR 4/6 vermelho; **Pasta** - **Asado**: 5YR 6/6 amarelo avermelhado. **Testo**: 5YR 6/6 amarelo avermelhado. **Pucarinho**: 5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: Nisa.

AQUISIÇÃO: desconhecida.

MORFOLOGIA - **Asado**: bordo boleado; colo cilíndrico; bojo troncocónico invertido; base plana; duas asas verticais em fita. **Testo**: bordo boleado; aba de perfil curvo; cavidade no centro. **Pucarinho**: bordo boleado; colo cilíndrico; bojo troncocónico invertido; base plana; asa vertical.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre do quartzo*: 3/4mm]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS – **Asado**: *Colo* - recorte de fiada simples em semicírculos; 2º risco. *Bojo* – rosa dos dedais; três dedais; folhas; fiadas duplas; 2º risco. *Asa*

– fiada simples curvilínea; 2º risco. **Testo:** fiada simples em estrela de seis pontas; espigas. **Pucarinho:** *Colo* – três pedrinhas e recorte. *Bojo* – três dedais com reticulado; folhas; fiada simples; 2º risco. *Asa* – não decorada.

FUNÇÃO: aprovisionamento de água.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: intervenção de restauro no testo.

N.º DE INVENTÁRIO: 7054

CAT. 2. (Fig.14)

DESIGNAÇÃO: Asado com testo e pucarinho.

DIMENSÕES: alt. 33cm. **Asado:** alt. 21,5cm; Ø da boca 11cm; larg. 18cm; Ø da base 8,5cm. **Testo:** Ø 10,5cm. **Pucarinho:** alt. 9,5cm; Ø da boca 6cm; larg. 8cm; Ø da base 2,5cm.

COR: **Engobo** – **Asado:** 2,5YR 4/6 vermelho. **Testo:** 2,5YR 5/6 vermelho. **Pucarinho:** 2,5YR 6/8 vermelho claro; **Pasta** - **Asado:** 5YR 6/4 castanho avermelhado claro. **Testo:** 5YR 6/6 amarelo avermelhado. **Pucarinho:** 5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: **Asado:** Nisa; **Testo e Pucarinho:** Nisa (?)

AQUISIÇÃO: oferta – coleção etnográfica do Dr. Vergílio Correia. Anterior a 1944.

MORFOLOGIA – **Asado:** bordo boleado; colo cilíndrico; bojo troncocónico invertido; base plana; duas asas verticais em fita. **Testo:** bordo boleado; aba de perfil curvo; cavidade no centro. **Pucarinho:** bordo boleado; colo cilíndrico; bojo troncocónico invertido; base plana; asa vertical.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre do quartzo:* 3/4 mm]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS – **Asado:** *Colo* – recorte de fiada dupla em semicírculos, com reticulado. ausência de 2º risco. *Bojo* – bruxa; rosa dos dedais, folhas; espigas; fiada dupla; 2º risco. *Asa* – fiada simples em linha quebrada; espigas; ausência de 2º risco. **Testo:** recorte de fiada simples com cinco semicírculos; 2º risco. **Pucarinho:** *Colo* – recorte de fiada simples em linha quebrada; 2º risco. *Bojo* – três dedais com reticulado; folhas; ausência de 2º risco. *Asa* – não decorada.

FUNÇÃO: aprovisionamento de água.

OBSERVAÇÕES: apesar de terem o mesmo número de inventário, o testo e o pucarinho apresentam uma tonalidade diferente do asado. A decoração do pucarinho parece ser mais incipiente: 1º risco visível sob os fragmentos de quartzo, que são colocados espaçadamente; reticulado largo; 2º risco pouco cuidado.

N.º DE INVENTÁRIO: 5544

CAT. 3. (Fig.15)

DESIGNAÇÃO: Pote

DIMENSÕES: alt. 18,5cm; Ø da boca 11,5 cm; larg. 16,5cm; Ø da base 8,5cm
 COR: **Engobo** – de 2,5YR 4/6 vermelho a 2,5YR 5/8 vermelho; **Pasta** – (?) 2,5YR 6/2 cinzento acastanhado claro (pouco visível)

LOCAL DE FABRICO: Nisa.

AQUISIÇÃO: oferta – coleção etnográfica do Dr. Vergílio Correia. Anterior a 1944

MORFOLOGIA: bordo boleado contracurvado; bojo bitroncocónico; base plana.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre de quartzo*: 3mm]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS: flor de cinco dedais; três dedais; cravo; cravo com bico; cacho de uvas; folhas, aranhas.

FUNÇÃO: aprovisionamento de água.

OBSERVAÇÕES: Emanuel Ribeiro (s.d.) apresenta a fotografia de um pote com testo e pucarinho, cuja morfologia é muito semelhante.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: engobo manchado.

N.º DE INVENTÁRIO: 5543

CAT. 4. (Fig.16)

DESIGNAÇÃO: Pote com testo e pucarinho.

DIMENSÕES: alt. 48cm. **Pote**: alt. 39cm; Ø da boca 12cm; larg. 28cm; Ø da base 9cm. **Testo**: Ø 11,5cm. **Pucarinho**: alt. 11cm; Ø da boca 5cm; larg. 8cm; Ø da base 3,5cm.

COR – **Pote**: 2,5YR 5/6 vermelho. **Testo**: 2,5YR 5/6 vermelho. **Pucarinho**: 2,5YR 5/6 vermelho.

LOCAL DE FABRICO: desconhecido.

AQUISIÇÃO: anterior a 1941. Alcácer do Sal (?).

MORFOLOGIA – **Pote**: bordo contracurvado; bojo bitroncocónico; base convexa.

Testo: bordo boleado; aba de perfil curvo; cavidade no centro. **Pucarinho**: bordo boleado; colo cilíndrico; bojo troncocónico invertido; base plana; asa vertical.

TÉCNICA DECORATIVA: incrustação [*calibre do quartzo*: 2mm].

MOTIVOS DECORATIVOS – **Pote**: ramagens onde se podem identificar cravos e folhas; três pedrinhas; fiadas duplas em linha quebrada junto à base. **Testo**: nove fiadas verticais. **Pucarinho**: *Colo* – folhas (?); conjunto de duas pedras. *Bojo* – ramagens semelhantes às do pote. *Asa* – não decorada. Ausência de 2º risco em toda a peça.

FUNÇÃO: aprovisionamento de água.

OBSERVAÇÕES: no verbete manuscrito pelo Dr. Leite de Vasconcelos consta a seguinte informação:

Pote de barro vermelho, com prato e púcaro, tudo ornado de desenhos decorativos empedrados.

Alcácer do Sal

Gramática decorativa invulgar relativamente à disposição dos motivos.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: intervenção de restauro na asa do pucarinho.

N.º DE INVENTÁRIO: 3471

CAT. 5. (Fig.17)

DESIGNAÇÃO: Barril.

DIMENSÕES: alt. 31cm; larg. 20cm; Ø da base 10,5cm; alt. dos bicos 3,5cm.

COR: **Engobo** – 2,5YR 5/6 vermelho; **Pasta** – 5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: Nisa.

AQUISIÇÃO: desconhecida.

MORFOLOGIA: bojo troncocónico; fundo côncavo; base plana; asa em fita formando um semicírculo; dois bicos globulares com aberturas de diâmetro diferente.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre do quartzo: 3/4 mm*]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS – *Bojo*: rosa dos dedais; meia-lua; três dedais; rosa de crivo; folhas; reticulado; espiga; fiada simples; fiada dupla; 2º risco. *Asa*: fiada simples curvilínea; 2º risco. *Bicos*: três pedrinhas e recorte.

FUNÇÃO: Transporte de água.

N.º DE INVENTÁRIO: 7052

CAT. 6. (Fig.18)

DESIGNAÇÃO: Garrafão

DIMENSÕES: alt. 30cm; Ø da boca 7,5 cm; larg. 19cm; Ø da base 10,5cm.

COR: **Engobo** – 10R 5/6 vermelho; **Pasta** – 5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: Nisa.

AQUISIÇÃO: desconhecida.

MORFOLOGIA: bordo contracurvado; colo troncocónico com caneluras; bojo troncocónico; fundo côncavo; base plana; asa dupla torcida.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre do quartzo: 3/4mm (inscrição: 2/3mm)*]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS – *Bojo*: Inscrição: RECORDAÇÃO DE FRATEL FABRICO DE NISA; três dedais; meia-lua; folhas; espiga; fiada dupla; 2º risco. *Asa*: três pedrinhas e recorte.

FUNÇÃO: transporte de água

OBSERVAÇÕES: não apresenta tampa

N.º DE INVENTÁRIO: 7051

CAT. 7. (Fig.19)

DESIGNAÇÃO: Pucarinho

DIMENSÕES: alt. 10,5cm; Ø da boca 6 cm; larg. 8,5cm; Ø da base 2,5cm

COR: **Engobo** -2,5YR 6/8 vermelho claro; **Pasta** - 5YR 6/6 amarelo avermelhado

LOCAL DE FABRICO: Nisa (?)

AQUISIÇÃO: desconhecida

MORFOLOGIA: bordo boleado; colo cilíndrico; bojo troncocónico invertido; base plana; asa vertical.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre de quartzo*: de 2mm a 4 mm (variado)]; incisão

MOTIVOS DECORATIVOS - *Colo*: folhas. *Bojo*: três dedais; folhas; reticulado; fiada simples; ausência de 2º risco. *Asa*: não decorada.

FUNÇÃO: consumo de água; artefacto de uso complementar (?).

OBSERVAÇÕES: no verbete consta a seguinte informação:

Caneca ou cantarinha de barro vermelho com desenhos decorativos empedrados; tem asa vertical e tampa com pedúnculo de preensão.

Pode tratar-se da tampa isolada N.º Inv.7055 [CAT 11]).

N.º DE INVENTÁRIO: 3426

CAT. 8. (Fig.20)

DESIGNAÇÃO: Bilha

DIMENSÕES: alt. 18,5cm; Ø da boca 8,5cm; larg. 12,5cm; Ø da base 8cm.

COR: **Engobo** -2,5YR 5/6 vermelho; **Pasta** - (?) 2,5 YR 6/6 vermelho claro (pouco visível).

LOCAL DE FABRICO: Estremoz (?).

AQUISIÇÃO: Évora (?). Anterior a 1941.

MORFOLOGIA: bordo boleado; colo cilíndrico; bojo bitroncocónico; base plana; asa vertical em fita com caneluras.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo; incrustação [*calibre de quartzo*: de 2mm a 4 mm (variado)].

MOTIVOS DECORATIVOS - *Colo*: recorte de fiada dupla em semicírculos. *Bojo*: coração grande com divisão vertical a meio; folhas; conjuntos de quatro pedras; conjuntos de cinco pedras em cruz; pedras isoladas. *Asas*: não decorada. Ausência de 2º risco.

FUNÇÃO: Transporte e ingestão de água.

OBSERVAÇÕES: num pedaço de papel bastante deteriorado encontrado dentro da peça constam as seguintes informações, manuscritas pelo Dr. Leite de Vasconcelos:

Bilba pedrada

...coração florido...

...Extremoz...

5591

Co...prado em Évora - 19...

Peça de morfologia e decoração invulgares.

N.º DE INVENTÁRIO: 3427

CAT. 9. (Fig.21)

DESIGNAÇÃO: Barril, miniatura

DIMENSÕES: alt. 10cm; Ø da boca 3,5cm; larg. 8cm; Ø da base 4,5cm

COR: Engobo - 5YR 6/6 amarelo avermelhado; Pasta - 7,5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: Nisa (?)

AQUISIÇÃO: desconhecida.

MORFOLOGIA: bordo boleado; colo cilíndrico côncavo; bojo globular; fundo em bolacha ligeiramente convexo; base plana; asas em fita.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo, incrustação [*calibre do quartzo*: 3mm]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS - *Colo*: seis fiadas de três pedras em diagonal. *Bojo*: flor de quatro pétalas; folhas; reticulado. *Asas*: fiada espaçada. Ausência de 2º risco.

FUNÇÃO: desconhecida.

OBSERVAÇÕES: No verbete consta a seguinte informação: "*Bilbinha de barro vermelho com desenhos decorativos empedrados e incisões; tem duas asas verticais*". O tamanho da peça é invulgar, podendo tratar-se de uma miniatura ou brinquedo. Para a morfologia ver Parvaux (1968, p. 127-128).

N.º DE INVENTÁRIO: 3422

CAT. 10. (Fig.22)

DESIGNAÇÃO: Par de jarras

DIMENSÕES: 3455 - alt. 14cm; Ø da boca 4,5cm; larg. 6cm; Ø da base 6,5cm;

3457 - alt. 13,5cm; Ø da boca 4,5cm; larg. 6cm; Ø da base 6,5cm.

COR: **Engobo** – 2,5YR 5/8 vermelho; **Pasta** – 5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: Nisa (?)

AQUISIÇÃO: anterior a 1941.

MORFOLOGIA: bordo boleado; colo cilíndrico; bojo cilíndrico; pé anelar.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo, incrustação [*calibre do quartzo*: 3/4mm]; incisão.

MOTIVOS DECORATIVOS - *Colo*: Conjuntos de quatro pedras; espigas. *Bojo*: rosa dos dedos; folhas; conjuntos de quatro pedras; reticulado. *Pé*: conjuntos de quatro pedras.

FUNÇÃO: Colocação de flores (?).

OBSERVAÇÕES: Verbetes manuscritos pelo Dr. Leite de Vasconcelos. A morfologia da peça é invulgar. Os conjuntos de quatro pedras são pouco usuais.

N.º DE INVENTÁRIO: 3455 / 3457

CAT. 11. (Fig.23)

DESIGNAÇÃO: Tampa

DIMENSÕES: Ø 5cm.

COR: **Engobo** – 2,5YR 6/8 vermelho claro; **Pasta** – 5YR 6/6 amarelo avermelhado.

LOCAL DE FABRICO: Nisa (?)

AQUISIÇÃO: desconhecida.

MORFOLOGIA: bordo boleado; aba côncava; pega esférica.

TÉCNICA DECORATIVA: engobo, incrustação [*calibre do quartzo*: 4mm]; incisão

MOTIVOS DECORATIVOS: fiada circular; estrela de seis pontas incisa; espiga.

FUNÇÃO: artefacto de uso complementar

OBSERVAÇÕES: peça isolada. Pode ter feito parte de um conjunto ou ter sido adquirida isoladamente. Pode ainda pertencer ao pucarinho N.º Inv. 3426 [CAT 7], já que tanto a pasta como o engobo apresentam a mesma cor.

N.º DE INVENTÁRIO: 7055

BIBLIOGRAFIA

- ALBA CALZADO, M. (1991) – *La alfarería tradicional alto extremeña – aspectos socioeconómicos. Trayectoria y problemática*. Cáceres: Cámara Oficial de Comercio e Industria de Cáceres.
- ALBA CALZADO, M. (1992) – Pervivencia de un rasgo de cultura material en la frontera luso-extremeña: el enchinado. *Revista de Extremadura*. Cáceres. 7, p. 87-94.
- ALBA CALZADO, M. (s. d.) – Las producciones alfareras alentejano-extremeñas durante el antiguo régimen. *Mérida, ciudad e patrimonio*. Mérida. 1. Separata.
- CABRAL, J. P. (1991) – *Os contextos da Antropologia*. Lisboa: Difel.
- CARNEIRO, E. L. (1989) – *Empedrado, Técnica de decoração cerâmica*. Barcelos: Museu de Olaria.
- CHAVES, L. (s.d.) – *Arte Popular em Portugal. Cerâmica*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CORREIA, V. (1937) – *Etnografia Artística Portuguesa*. Barcelos: Biblioteca Etnográfica e Histórica Portuguesa.
- DIAS J. (1965) – Da olaria primitiva ao torno de oleiro. *Revista de Etnografia*. Porto. Volume IV, Tomo 1, p. 5-31
- FAGUNDES, A. (1997) – *Manual prático de introdução à cerâmica*. Lisboa: Editorial Caminho.
- LEMONNIER, P. (1992) – *Elements for Anthropology of Technology*. Michigan: University of Michigan; Museum of Anthropology.
- LEPIERRE, C. (1912) – *Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna*. Lisboa: Boletim do Trabalho Industrial. 2ª edição, anotada.
- ORTIGÃO, R. (1943) – *Arte Portuguesa. Tomo I. O culto da arte em Portugal*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- PARVAUX, S. (1968) – *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*. Paris: Presses Universitaires de France ; Fondation Calouste Gulbenkian.
- PEIXOTO, R. (1995) – Indústrias Populares As Olarias de Prado. In *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote. p. 89-132.
- RIBEIRO, E. (s.d.) – *Água Fresca (Apontamentos sobre olaria nacional)*. Porto: Tipografia Sequeira Limitada.
- RIBEIRO, M. (1961) – Cerâmica popular de Nisa. *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*. Madrid. Tomo XVII, Cuaderno 4º.
- SARDINHA, O. (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, Volume 8/10, p. 487-512.
- SARDINHA, O. (1999) – Notícia sobre as peças pedradas do galeão "San Diego" (1600). *Arqueologia Medieval*. Mértola. N.º 6, p 183-192. Separata.
- SAUCEDA PIZARRO, M. I.; ONGIL VALENTÍN, M. I. (1985) – *Artesanía Popular en Proceso de Transformación: la alfarería de Ceclavín (Cáceres)*. Norba. Cáceres. 6.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1957) – Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal. *Revista Ocidente*. Lisboa. Separata.
- VASCONCELOS, José Leite de (1923) – Tipos e cousas do Alentejo. *Boletim de Etnografia*. Lisboa. N.º2, p. 26-28, Estampa II.
- VASCONCELOS, José Leite de (1967) – Vida Tradicional Portuguesa. In *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. V.



Fig. 1 – Pequito fabrica uma peça na roda de oleiro. Na atouquina vêm-se a *lamuge*, o *barranhão* com água e a *cana* sobre o raspador.



Fig. 2 – Para moldar as asas, o oleiro estica a *lamuge* com as mãos molhadas até obter uma tira com o comprimento e espessura desejados.

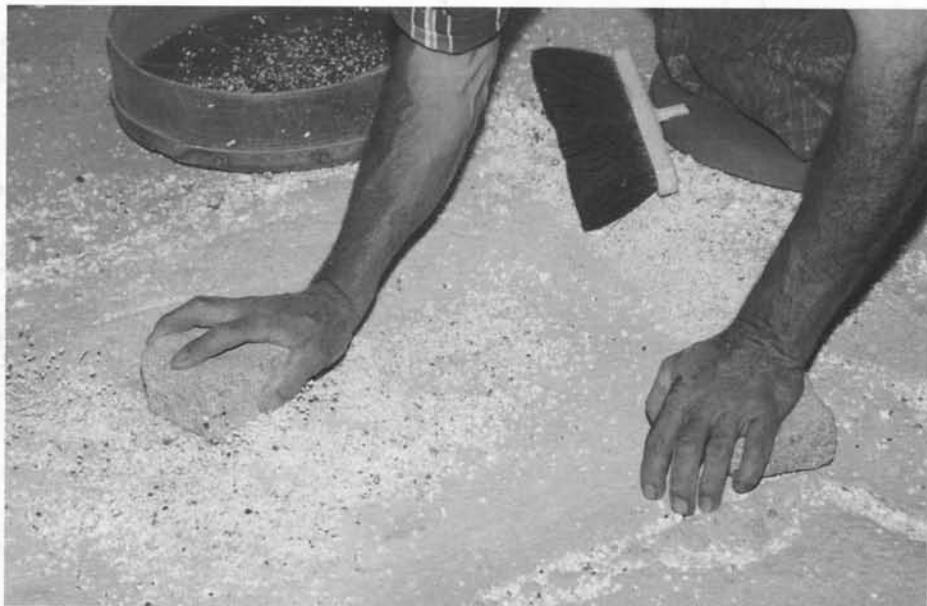


Fig. 3 – “Partir pedra” é uma operação que exige prática. Os principiantes geralmente apenas conseguem obter pó de quartzo...



Fig. 4 – Para encontrar o centro do desenho, a pedradeira marcou levemente, com o dedo, uma cruz no fundo do prato.



Fig. 5 – A arte de pedrar requer gosto, prática e muita paciência.



Fig. 6 – Depósito com testo, depósito com tampa e pote com testo e pucarinho fabricados por José Lopes, oleiro do Cacheiro.



Fig. 7 – Pote de roça (Col. Particular)



Fig. 8 – Barril com inscrição (Col. Particular)



Fig. 9 – Cantarinha de asa torcida. Peça provavelmente fabricada por encomenda (M.A.P., N.º Inv. CER 4995/02)



Fig. 10 – Cântaro de torneira com inscrição (Col. Particular)



Fig. 11 – Quatro tamanhos de recipientes fabricados actualmente em Nisa: miniatura (± 12 cm), pequenina (± 25 cm), pequena (± 30 cm) e média (± 35 cm).

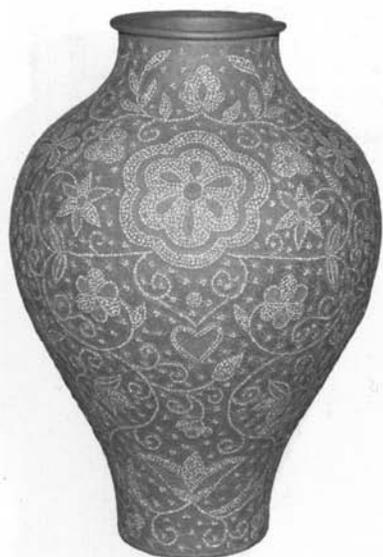


Fig. 12 – Pote com decoração barroca (Col. M.A.P., N.º Inv. CER 20/96)



Fig. 13 – CAT 1. Asado com testo e pucarinho [N.º Inv. 7054]



Fig. 14 – CAT 2. Asado com testo e pucarinho [Nº Inv. 5544]



Fig. 15 – CAT 3. Pote [Nº Inv. 5543]



Fig. 16 – CAT 4. Pote com testo e pucarinho [Nº Inv. 3471]



Fig. 17 – CAT 5. Barril [Nº Inv. 7052]



Fig. 18 - CAT 6. Garrafão [Nº Inv. 7051]



Fig. 19 - CAT 7. Pucarinho [Nº Inv. 3426]



Fig. 20 - CAT 8. Bilha [Nº Inv. 3427]



Fig. 21 - CAT 9. Barril, miniatura [Nº Inv. 3422]



Fig. 22 – CAT 10. Par de jarras [Nº Inv. 3455 / 3457]

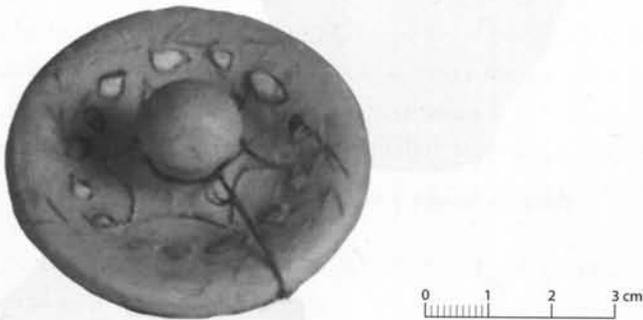


Fig. 23 – CAT 11. Tampa [Nº Inv. 7055]